



Fig. 196 — Fotografia em p/b (100 cm x 150 cm) e projeção da imagem do vídeo (DVD 5')



Fig. 197 — Vídeo instalação: *Só Deus que sabe*, Mostra Guard(A)res, Galeria Canizares, 2006

2.2.2 Fronteiras InVISÍVEIS

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata [...] Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém

como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1999, p. 14-15).

No segundo semestre de 2006 nasceu a proposta desse desdobramento de pesquisa⁵⁰ para participação na Mostra *RUÍNAS*, na antiga fábrica da Fratelli Vitta, situada na Cidade Baixa da cidade de Salvador. Através da pesquisa de novos elementos visuais nas imagens capturadas em Luanda, em algumas delas encontrei referências que faziam interface com elementos da fábrica em ruínas e, com a utilização de novo suporte para impressão, busquei o desenvolvimento dessa obra.

As primeiras reflexões voltadas à realização deste trabalho conduziram-me a Ítalo Calvino⁵¹ e Gaston Bachelard⁵². O primeiro, pela sua obra versando sobre as cidades. O segundo, pelo significativo trabalho com a poética, notadamente, do devaneio e do espaço, objetos desta pesquisa.

Bachelard nos propõe um estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima.

Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, mas o que se conhece é apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer suspender o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. E essa é a função do espaço. (BACHELARD, 1998a, p. 28).

Encontrar as ruínas da Fábrica Fratelli Vita foi, de certa forma, resgatar uma parte da memória da minha infância. Com muita emoção, lembrei-me de minha ida diária à Escola Castro Alves, acompanhada dos meus irmãos. Morávamos a umas quadras dali e todo dia íamos caminhando para a escola, pelo passeio que fica em frente à fábrica. Antes de atravessar a rua, ficávamos alguns minutos parados, encantados, olhando as garrafinhas pelas janelas. Era mesmo mágica aquela fábrica. As garrafinhas vazias passavam por uma espécie de esteira, sendo rapidamente enchidas de refrigerante e, após, devidamente tampadas.

A lembrança daquele tempo misturou-se com as imagens recentes da experiência em Luanda. Numa cidade recém saída de uma guerra, com grande parte

50. Da disciplina Teoria e Técnica de Processos Artísticos, ministrada pela Prof^a Dr^a Viga Gordilho, na UFBA/ EBA.

51. CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Nasceu em Santiago de Las Vegas, Cuba, logo foi para a Itália. Participou da resistência ao fascismo durante a guerra, foi membro do Partido Comunista até 1956. É um dos mais importantes escritores do século XX. Publicou diversas obras, entre elas: *Seis propostas para o próximo milênio* e *Marcovaldo ou As estações na cidade*.

52. BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Bachelard (1884-1962), epistemólogo francês, filósofo da ciência e da imaginação, influenciou figuras fundamentais da geração estruturalista e pós-estruturalista da era pós-guerra. Atuou como professor de física na França (1919-1930).

das construções em ruínas, as pessoas têm que sobreviver, na maioria das vezes, trabalhando em um comércio alternativo e informal. Assim, é comum encontrar garrafas de cerveja e refrigerante expostas em diversos locais, no meio das ruas e em frente das casas.



Fig. 198 — Venda de produtos diversos, centro de Luanda, 2006



Fig. 199 — Venda de produtos diversos, centro de Luanda, 2006